

O vagalume brilha pelos olhos
The firefly shines through the eyes
La luciole brille à travers les yeux

Anna Deodato¹

“A verdadeira arte se esconde sob a vida”, você me dizia enquanto sentíamos o entardecer, cercadas pelo pacífico caos de uma casa metade de sítio, metade de praia. O sol baixo sobre o seu cabelo trazia o outono em pelo verão carioca, antecipava estações e momentos que não teríamos oportunidade e tempo de viver.

“Temos menos de um mês”. Ouvi aquilo como uma sentença. Senti seus olhos fixos em mim, ansiosos por uma resposta tal qual um pecador anseia pela absolvição, o mel da sua íris iluminado pelos últimos raios de sol. “Todo tempo do mundo ainda seria pouco para viver o quanto que eu te quero”, falei sem mover meu olhar para ti. Percebi seu corpo relaxar, cabeça inclinada sobre o encosto da cadeira. A resposta que te adoça é a mesma que me queima.

Arrisquei muito para estar aqui. As cicatrizes não me deixam esquecer. Você ainda vai gostar de mim quando conseguir enxergá-las? Ainda vai deitar minha cabeça no seu peito e me fazer cafuné depois de perceber que sou um quebra-cabeça incompleto? Não sei onde deixei ou quem estão as minhas peças faltantes. Talvez eu nunca as tive, sou um defeito de fabricação. Um amontoado caótico de partes que jamais formarão uma paisagem como essa que estamos admirando agora.

Um barulho no mato faz os cães latirem e partirem em busca de algo que eles não sabem bem o que é. A ação me faz voltar à realidade, noto seus olhos derretidos sobre mim. Como se tentasse disfarçar, você me fala sobre os espécimes exóticos que habitam na propriedade. Disfarçar o quê, exatamente? “... às vezes, gambás aparecem para comer as frutas que caem das árvores...”. Quantos pactos renovamos e quantas vezes mudamos de mundo para estarmos aqui? O que ainda é necessário disfarçar? “... ouriços também vêm, é preciso ter cuidado...”. É preciso ter cuidado. Cuidado combina com amor? Uma cigarra canta tão próxima que me desnorteia. “... e vagalumes”, ainda te ouço falar.

Estou dispersa, e você sabe, embora não entenda o porquê. O suor de verão na minha pele, o som dos bichos, o calor da sua voz. Tento me agarrar a cada uma dessas coisas para

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro

permanecer aqui, com você, comigo. Todas essas coisas são rapidamente engolidas pelo buraco negro que habita o meu coração. Quanto ainda falta para ele me engolir por completo? Você ainda estaria ao meu lado se eu te narrasse as sombras que moram em mim?

“Sabia que alguns vagalumes brilham pelos olhos?”. Pisquei admirada, lembrei do meu grito de criança quando vi um brilhar pela primeira vez num verão como esse, numa casa como essa. “Como assim?”, perguntei te olhando nos olhos pela primeira vez em horas, talvez, pela primeira vez. Você me explicava com toda emoção de quem finalmente conquistou o que desejava, mas eu já nada ouvia. Pousei meus olhos sobre os seus, sempre tão meigos, o corado das suas bochechas, seus cabelos que emolduravam seu rosto. Procurei sua mão e a peguei por entre as minhas, como se eu descobrisse apenas agora o poder do tato.

Uma fração de segundo que parecia uma vida. Tão inocente, você me lançou a quem eu era vinte anos atrás. Não, eu não nasci faltosa, errada, ou qualquer outra coisa do tipo. A destruição não nasceu comigo: havia esperança. Você já tinha terminado sua explicação e me encarava, esperando uma resposta. Eu nada ouvi, mas entendi. Naquele momento, assim como um vagalume, eu também brilhava pelos olhos.

Sobre a autora

Anna Deodato: Doutoranda no programa de pós-graduação em Ciência da Literatura/UFRJ

E-mail: annadeodato@gmail.com